

**“ELE É A  
VERDADEIRA  
JUVENTUDE” –  
REPRESENTAÇÕES  
DISCURSIVAS DO TEMA  
“JUVENTUDE”  
NA EXORTAÇÃO  
*CHRISTUS VIVIT*  
DO PAPA  
FRANCISCO**

**“ÉL ES LA VERDADERA JUVENTUD” – REPRESENTACIONES DISCURSIVAS DEL TEMA  
“JUVENTUD” EN LA EXHORTACIÓN *CHRISTUS VIVIT* DEL PAPA FRANCISCO**

**“HE IS THE TRUE YOUTHFULNESS” – DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF THE THEME  
“YOUTH” IN THE POPE FRANCIS’ *CHRISTUS VIVIT* EXHORTATION**

**José Rubens Pereira<sup>†</sup>**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**Maria Eliete de Queiroz<sup>\*\*</sup>**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

---

<sup>†</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [rubens.pereira.017@ufrn.edu.br](mailto:rubens.pereira.017@ufrn.edu.br).

<sup>\*\*</sup> Professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF). Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [elietequeiroz@uern.br](mailto:elietequeiroz@uern.br).

RESUMO: Neste trabalho, analisamos representações discursivas do tema “juventude” na exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Para tanto, filiamos-nos, teoricamente, à Análise Textual dos Discursos postulada por Adam (2010, 2011, 2019), especialmente apoiados no nível 6, que trata da noção de representação discursiva. Na análise das representações discursivas do tema “juventude”, utilizamos as categorias semânticas classificadas de referenciação, predicação, modificação, conexão e localização espaço-temporal, com base em Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) e Queiroz (2013). Os resultados mostram a construção de uma representação de juventude enquanto período natural da progressão da vida humana, permitindo a realização de outras representações, tais como: sinceridade, subserviência, simplicidade e humildade, audácia e generosidade. Por fim, também constatamos a esquematização das representações de juventude enquanto capacidade de acatar opiniões divergentes, Jesus como a própria e verdadeira juventude, e juventude como ponte que dá acesso a uma reforma institucional pretendida pelo Papa Francisco.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso religioso. Papa Francisco. Representação discursiva. Juventude.

RESUMEN: En este trabajo, analizamos las representaciones discursivas del tema “juventud” en la exhortación apostólica postsinodal *Christus Vivit*. Por tanto, teóricamente nos sumamos al Análisis Textual de Discursos postulado por Adam (2010, 2011 y 2019), apoyado especialmente en el nivel 6, que trata de la noción de representación discursiva. En el análisis de las representaciones discursivas del tema “juventud”, se utilizaron las categorías semánticas clasificadas en referencial, predicación, modificación, conexión y localización espacio-temporal, con base en Rodrigues, Passeggi y Silva Neto (2010) y Queiroz (2013). Los resultados muestran la construcción de una representación de la juventud como un período natural en la progresión de la vida humana, permitiendo la realización de otras representaciones, tales como: sinceridad, sumisión, sencillez y humildad, audacia y generosidad. Finalmente, también notamos la esquematización de las representaciones de juventud como la capacidad de aceptar opiniones divergentes, Jesús como la verdadera juventud, y juventud como puente que da acceso a una reforma institucional propuesta por el Papa Francisco.

PALVRAS CLAVE: Discurso religioso. Papa Francisco. Representación discursiva. Juventud.

ABSTRACT: In this research, we analyzed discursive representations of the theme “youth” in the post-synodal apostolic exhortation *Christus Vivit*. For that purpose, we are theoretically affiliated in the Textual Analysis of Discourses postulated by Jean-Michel Adam (2010, 2011, 2019), especially supported by the level 6, which deal with the notion of discursive representation. In the discursive representations’ analysis of the theme “youth”, we used the semantic categories designated as referenciation, predication, aspectualization, connection and spatial-temporal location of Rodrigues, Passeggi and Silva Neto (2010) and Queiroz (2013). The results show the construction of youth as a natural period of human life’s progression, which grants the realization of other representations, such as: sincerity, subservience, simplicity and humility, audacity and generosity. Finally, we also noted the schematization of youth representations as the ability to accept contradictory opinions, Jesus as the real youth Itself, and youth as a bridge that gives access to an institutional reform intended by Pope Francis.

KEYWORDS: Religious discourse. Pope Francis. Discursive representation. Youth.

## 1 INTRODUÇÃO

Considerando a importância do papel dos dirigentes das religiões como arautos de um dos conjuntos de crenças que moldam comportamentos e o pensamento humano, analisamos um texto redigido por um dos homens que alcançou o cargo de poder mais elevado da Igreja Católica Apostólica Romana: Mário Jorge Bergoglio, o Papa Francisco.

O nosso *corpus* é constituído de uma exortação apostólica pós-sinodal, intitulada *Christus Vivit* (doravante Eaps-CV), publicada após a reunião do Sínodo dos Bispos<sup>2</sup> de 2018, dedicada à deliberação da fé, do discernimento e da juventude. Esse texto, na versão oficial em formato .pdf disponível no *site* do Vaticano, tem 74 páginas. Para análise, visando atender ao recorte metodológico e considerando o volume de páginas do documento, destacamos os fragmentos em que a palavra “juventude” estava presente e em

<sup>2</sup> “O Sínodo dos Bispos é uma assembleia de bispos os quais [...] se reúnem em tempos determinados [...] para prestar ajuda com seu conselho ao Pontífice Romano na salvaguarda e incremento da fé e dos costumes, na observância e na consolidação da disciplina eclesial e também para estudar os problemas relativos à atividade da Igreja no mundo.” (PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE O SÍNODO DOS BISPOS, 2018).

destaque, um total de 82 ocorrências. Esse número se encontra distribuído em quatro partes do plano de texto da exortação (sumário, introdução, desenvolvimento – capítulos e subtópicos – e conclusão), dentre as quais escolhemos os capítulos I, II e III do desenvolvimento, haja vista que são nesses primeiros capítulos onde se concentram o uso da palavra “juventude” (44 vezes). Desse montante, selecionamos um total de dez fragmentos para análise de representações discursivas.

A exortação apostólica pós-sinodal é um gênero do domínio religioso católico, origina-se em um contexto típico da Igreja Apostólica Romana para se pensar a respeito de discursos que circulam em sociedade e que repercutem diretamente em seus princípios e valores. A divulgação desse documento sucede a uma conjuntura dialógica processada em ocasião de um Sínodo. Durante esse período, vários textos foram escritos e divulgados, alçados sob o mesmo viés ideológico-discursivo. Assim, a Eaps-CV encerrou o espaço-temporal dedicado, sobretudo, à discussão acerca dos jovens, da fé e do discernimento vocacional.

Diante do exposto, intentamos compreender quais sentidos são construídos em torno do tema “juventude”, sabendo que os posicionamentos do Papa Francisco, para parte da Igreja, configuram-se como polêmicos, devido à conduta relativamente progressista que o caracteriza. Nesse sentido, objetivamos analisar os elementos linguístico-textuais e discursivos que formam representações desse tema. Como princípio basilar para a análise do texto, adotamos o nível 6 (N6) do esquema 4 de Adam (2011), aqui retratado como Figura 2, correspondente ao aspecto semântico, em torno da noção de representação discursiva (Rd), categoria da Análise Textual dos Discursos (ATD).

Justificamos a escolha do texto da esfera religiosa, uma vez que pretendemos contribuir com os estudos da teoria descritiva-analítica de Adam, a julgar pela excepcionalidade de projetos investigativos sobre a análise de discursos religiosos.

Recorremos à busca das palavras “representação discursiva”, “discurso religioso” e “Análise Textual dos Discursos”, em repositórios *online* de instituições de ensino superior, e encontramos apenas três dissertações de mestrado, duas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros, e uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); além disso, duas monografias, também da UERN, *Campus* de Pau dos Ferros. Citamos, respectivamente: Lopes (2017), que analisa representações discursivas construídas por Papa Francisco na homilia proferida na santa missa pela evangelização dos povos, em Quito, no Equador; Pinto (2019), que examina as funções discursivas de expressões nominais referenciais na exortação apostólica *Gaudete et Exultate* de Papa Francisco; Silva (2021), que trabalha com os textos bíblicos sinóticos de Mateus e de Lucas, buscando identificar os diferentes pontos de vista e, conseqüentemente, a projeção de Rd sobre os acontecimentos por eles narrados; Bessa (2019), que traz o conceito de responsabilidade enunciativa para se estudar os posicionamentos do locutor-enunciador no discurso religioso; e, por fim, Sousa (2019), que estabelece relação entre argumentação e responsabilidade enunciativa em parte das institutas da religião cristã de João Calvino. Por esse motivo, o domínio do discurso religioso, para a ATD, é deveras profícuo para exploração.

Por fim, este trabalho se encontra dividido em cinco seções. Inicialmente, na seção 1, procedemos com a contextualização e justificativa deste artigo. Posteriormente, na seção 2, descrevemos o panorama de investigação e apresentamos as categorias semânticas de análise. Na seção 3, detalhamos o surgimento e os pressupostos teóricos da ATD, acentuando o N6, referente à noção de representação discursiva. Na seção 4, dedicamo-nos à análise das Rd do tema “juventude” e, para finalizar, na seção 5, reunimos os resultados discutidos ao longo do texto.

A seguir, reservamos um espaço à exposição dos aspectos metodológicos, no qual detalhamos os desdobramentos relativos à análise da Eaps-CV.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Do ponto de vista dos procedimentos utilizados para a coleta de dados, esta pesquisa é de caráter documental. Consoante Gil (2002), a pesquisa documental lança mão de textos ricos em informação e que podem não ter passado pelo crivo analítico de um

pesquisador, o que Calado e Ferreira (2005) chamam de fontes de dados brutos. Daí surge o papel essencial do pesquisador, posto que ele deve fazer recortes, interpretar e comparar o material para torná-lo utilizável (LAKATOS; MARCONI, 2003). André (1995) nos diz, dessa forma, que o pesquisador se torna um instrumento da pesquisa, tendo em vista a indissociabilidade entre a objetividade da pesquisa e a subjetividade do sujeito envolvido nesse processo.

No que se refere ao *corpus* de investigação, constitui-se de um (01) documento coletado dos arquivos do *site* oficial do Vaticano. Debruçamo-nos sobre o texto a partir de uma abordagem qualitativa, que não se limita aos dados quantitativos como cerne investigativo, sobretudo, “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores [...]” (MINAYO, 2013, p. 70). A abordagem qualitativa engloba técnicas de descrição e de interpretação, visando compreender “[...] os componentes de um sistema complexo de significados.” (NEVES, 1996, p. 1).

A fim de alcançarmos os objetivos propostos, sabendo que a ATD, por estabelecer uma relação entre descrição textual e interpretação discursiva, apresenta um regime de complementaridade analítica entre cotexto e contexto, atribuímos a este trabalho um caráter descritivo e interpretativista, por entendermos que, ao mesmo tempo em que estamos lendo ou descrevendo, estamos interpretando e significando (MORAES; GALIAZZI, 2016).

Como procedimentos de análise, utilizamos o que Moraes e Galiuzzi (2016) denominam de ciclo de análise textual discursiva, constituída por três etapas principais, são elas: unitarização, categorização e comunicação.

A unitarização, conforme os autores, é o processo de fragmentação do texto, no qual o pesquisador divide-o em partes analisáveis, correspondentes aos seus propósitos pré-estabelecidos.

O segundo momento é o da categorização. Para Moraes e Galiuzzi (2016, p. 34). categorizar, implica “[...] construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos, resultando daí sistemas de categorias”. Nesse sentido, a categorização das unidades de base advém da ATD, pela qual temos as categorias semântico-analíticas classificadas de referenciação, modificação, predicação, conexão e localização espaço-temporal.

Com isso, surge o terceiro momento, em que “[...] a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada nos dois focos anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo.” (MORAES; GALIZZI, 2016, p. 34). As etapas anteriores de estudo do texto nos propiciam decifrar e comunicar com mais clareza e profundidade os sentidos impregnados nas Rd inerentes ao tema “juventude”, destaca da exortação *Christus Vivit* do Papa Francisco.

No que diz respeito ao método de análise, seguimos o método misto, conhecido como aquele que intersecciona o método dedutivo e o indutivo. O método dedutivo é o raciocínio básico que objetiva explicar o conteúdo das premissas (PRODANOV; FREITAS, 2013), enquanto que o método indutivo tem a intenção de chegar a conclusões “[...] cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 86). A junção desses dois modos de interpretação dos dados significa dizer que partimos de um arcabouço teórico dado, a ATD, provido de categorias e subcategorias definidas e orientadas para a análise das unidades recortadas da estrutura macrotextual. Não obstante, é indiscutível que a leitura do *corpus* nos possibilita a expansão desses procedimentos categóricos e de novos modos de organização e análises emergentes.

No próximo item, demonstramos as categorias que nos orientaram na reconstrução e interpretação das Rd do tema “juventude”.

## 2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

A referenciação são os objetos do discurso (coisas, objetos, sujeitos de ações, processos), funcionando não apenas como mecanismos linguísticos de nomeação, mas como parte da atividade discursiva que constrói os pré-construídos dos sujeitos discursivos no processo interacional.

Como segunda categoria analítica trazemos a predicação, que “[...] remete tanto à operação de seleção dos predicados, isto é, à designação dos processos [...] (ações, estados, mudanças de estado etc.), como ao estabelecimento da relação predicativa no enunciado” (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 175). Gramaticalmente, denominamos de predicados verbais ou nominais, ou seja, as ações e os processos desempenhados pelos referentes.

Por conseguinte, a categoria da modificação, segundo Queiroz (2013), é considerada como os recursos linguístico-textuais empregados pelo locutor para caracterizar ou descrever os elementos referenciais do texto, bem como as ações verbais dos sujeitos da predicação. Sinteticamente, a categoria da modificação é uma operação textual “[...] que modifica tanto o referente como o predicado através de adjetivos, expressões adjetivais, verbos que indicam ações habituais ou funcionais equivalentes a propriedades ou atributos.” (LOPES, 2017, p. 61).

Já a conexão cuida do estabelecimento de relações entre as unidades básicas formativas de enunciados, que culminam em sua estruturação e, ligados entre si, constituem as partes de um todo textual. Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 176) dizem que a categoria da conexão “[...] envolve dois processos: a assimilação analógica, que pode ser desenvolvida por meio das metáforas e de outras figuras de linguagem, e os elementos de conexão que ligam os enunciados entre si”. Isto é, a conexão se desmembra em dois outros processos: as relações de contiguidade, com os conectores linguísticos que, de acordo com Adam (2011, p. 179) “[...] entram numa classe de expressões [...] que reagrupa além de certas conjunções de coordenação [...], certas conjunções e locuções conjuntivas de subordinação [...] e grupos nominais ou proposicionais [...]”, e de analogia, por meio de metáforas e das figuras de linguagem, além da comparação.

Por fim, os localizadores espaço-temporais que, para Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 176), respondem as perguntas “quando?” e “onde?”, indicando “[...] as circunstâncias espaço temporais nas quais se desenvolvem os processos e os participantes”. Sob uma perspectiva gramatical, podemos intuir os localizadores espaço-temporais como sendo a classe dos advérbios.

No tópico 3, desenvolvido abaixo, discutimos sobre a teoria da ATD.

### 3 ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS

Dedicamos esta seção à teoria da ATD, na qual dissertamos acerca do N6 de Adam (2011, aplicado na análise da Eaps-CV escrita pelo Papa Francisco.

#### 3.1 TEXTO E DISCURSO: UMA ANÁLISE CO(N)TEXTUAL DE SENTIDOS

O lugar onde se materializa a comunicação é a produção de textos (KOCH, 2015); são nas relações interpessoais que nos constituímos como seres ideológicos e discursivos, dotados de capacidades cognitivas, expressas através de textos orais, escritos ou imagéticos. Conquanto, dizemos que o texto é a matriz da comunicação e, através desse recurso que dispomos, nossa natureza subjetiva, ideológica e social se manifesta inquestionavelmente.

Adam (2011), com o propósito de tornar a ATD um novo proponente analítico dentro do âmbito das pesquisas sobre texto, ao refletir acerca da correlação axiomática entre texto e discurso, consagra a ATD como uma teoria do conjunto (texto e discurso ou cotexto e contexto), inaugurando um tipo de análise co(n)textual de sentidos. Assim, primeiramente, ele distingue e separa a Linguística Textual (LT) das práticas discursivas, afirmando que a primeira se caracteriza como um componente ou subdomínio da segunda. Por isso que, embora a ATD tenha suas raízes fincadas na LT, ela estaria mais para uma análise discursiva do que textual (QUEIROZ, 2013).

Contudo, é preciso ressaltar que Adam (2011) inova em sua perspectiva teórico-metodológica, pois a ATD não se baseia estritamente em uma análise discursiva advinda da análise do discurso (AD) de origem francesa e não interpela o texto sob os princípios das gramáticas textuais. Distanciar-se desses domínios teóricos é uma condição necessária para os entusiastas da ATD, já

que o gerenciamento teórico-metodológico do texto-discurso executado pela teoria de Adam (2011) se dá através de uma nova roupagem conceitual e categórica, empregado em textos concretos e reais. O quadro teórico que ele propõe, portanto, está mais para uma “[...] análise de discurso tal como é delineada por Maingueneau.” (ADAM, 2011, p. 43).

Nesse sentido, Adam (2011, p. 25) reitera a necessidade de uma nova teoria para se estudar a complexidade nata do objeto texto: “O texto é, certamente, um objeto empírico tão complexo que sua descrição poderia justificar o recurso de diferentes teorias, mas é de uma teoria desse objeto e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral que temos necessidade, para dar aos empréstimos eventuais de conceitos das diferentes ciências da linguagem, um novo quadro e uma indispensável coerência”.

É por esse motivo que o autor sugere articular texto e discurso em um novo arcabouço teórico-metodológico, resultado da união de conceitos de outros campos da linguística, a fim de contemplar o processo de multi-formação textual. Nessa perspectiva, o estudioso da ATD deve intercalar análises equitativas dos encadeamentos textuais e dos fenômenos discursivos, sem permitir que uma se sobressaia em detrimento da outra (BERNARDINO, 2015).

Com base nessa vinculação entre texto e o domínio mais vasto das práticas discursivas, Adam (2010) discute que todo texto deve ser visto a partir de dois campos: o campo das forças centrífugas e o campo das forças centrípetas que acontecem na produção textual. Para exemplificar esse curso, trazemos o esquema 1, na imagem abaixo.

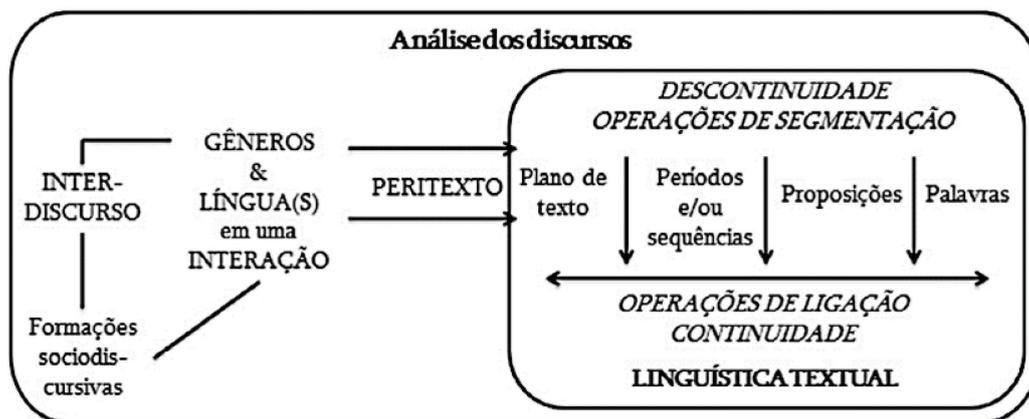


Figura 1: Nova localização da LT

Fonte: Adam (2011, p. 43)

No esquema acima, Adam (2011) deixa claro onde está situada a LT, entendida como um subdomínio das práticas discursivas. Do lado esquerdo vemos a realização da primeira força modular do texto (força centrípeta), relacionada aos fatores externos “[...] que vão da intertextualidade às condições materiais e sócio-históricas de produção, passando pela identidade do orador encenada na enunciação e nas escolhas relativas do gênero.” (ADAM, 2010, p. 97). Temos, por conseguinte, as formações discursivas conduzidas pela manifestação da interdiscursividade, atuando por intermédio de gêneros, responsáveis por efetivar a intersecção entre texto e discurso. Já no canto direito, falamos das forças centrífugas, que “[...] permite[m] ao texto ganhar unidade de sentido, a partir da composição de suas partes internas e lineares, que constroem a sua macroestrutura constituída pelos elementos linguístico-gramaticais que sinalizam a produção de sentido do texto”. (QUEIROZ, 2013, p. 23).

Retomando a ideia central da ATD, Adam (2011) trabalha com as práticas comunicativas concatenando dados intralinguísticos e extralinguísticos. Quer dizer, ele unifica o que entendemos por cotexto e contexto, e alcunha o termo co(n)texto, com o (n) entre parênteses, marcando a indissociabilidade essencial desses conceitos para a ATD. Dessa forma, os recursos linguísticos de que a língua dispõe, pelos quais fazemo-nos compreensíveis quando falamos, não devem ser dissociados do seu componente discurso (ou vice-versa), fruto dos contextos das relações interpessoais, ideológicas e cognitivas experienciadas pelos sujeitos.

Reforçando a ideia de cotexto conectado ao contexto, Adam (2011, p. 53) escreve: “[...] co(n)texto para dizer que a interpretação de enunciados isolados se apoia tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direita (contexto) como na contextualização, que consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado”.

A ideia de contexto, para o fundador da ATD, não diz respeito, necessariamente, aos dados exteriores à comunicação, uma vez que é impossível acessá-los diretamente. A sua definição rechaça a perspectiva histórica atribuída ao conceito pela AD francesa e apoia-se na certeza de que concretizamos uma ação cognitiva durante o processamento de um discurso. Por esse motivo, o contexto é acessado “[...] somente via (re)construções (imagens) permitidas devido aos conhecimentos enciclopédicos dos sujeitos, seus pré-construídos culturais e os lugares comuns argumentativos.” (BERNARDINO, 2015, p. 41, grifos da autora).

Esse é o ponto central de sua obra, resumida em um esquema no qual explicita didaticamente a conexão texto-discurso e os níveis/planos de análise textual e discursiva. Vejamos:

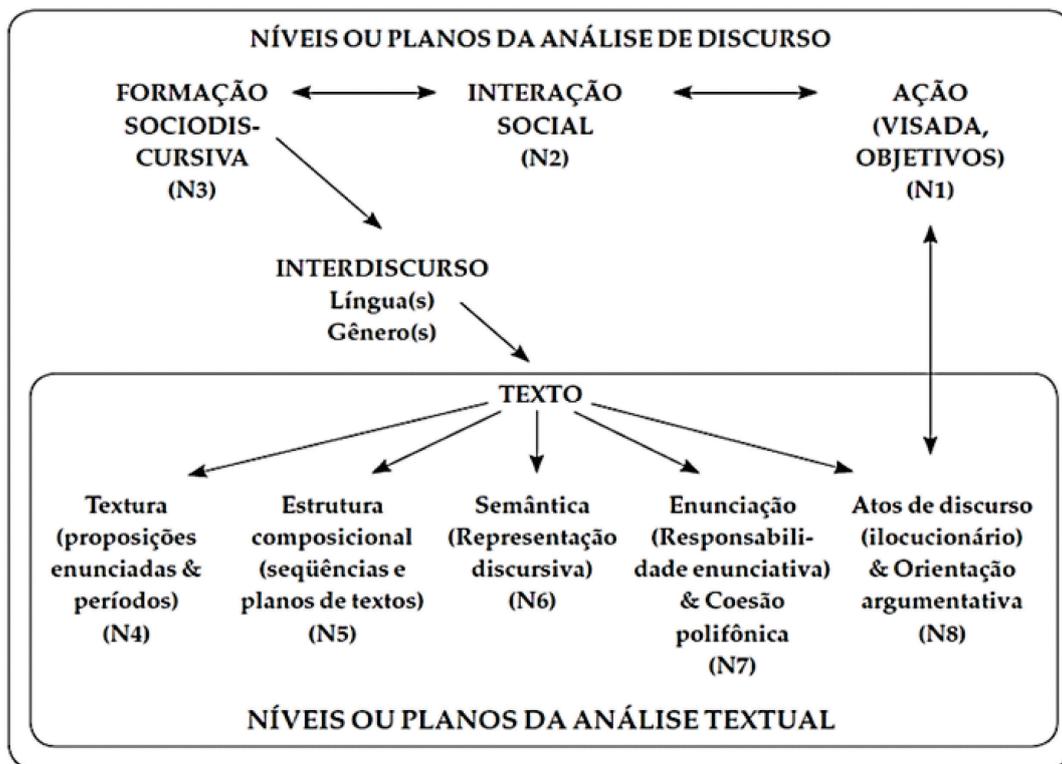


Figura 2: Níveis ou planos de análise textual e discursiva

Fonte: Adam (2011, p. 61)

Adam (2011) separa as categorias analíticas que estão para o discurso e aquelas voltadas à materialidade textual. No que concerne aos níveis do discurso, ele elucida que todo discurso é uma ação social interessada, melhor dizendo, todo discurso toma forma no seio da sociedade (N2) e visa à efetivação de certas intenções (N1), não estando isento de formações sociodiscursivas ideologizadas (N3). Por isso, é inegável a permanência de uma interdiscursividade, natural dos discursos, a qual referencia e repercute outros dizeres previamente consolidados em sociedade.

A dinamicidade empreendida por esses fatores do texto e do discurso converge para formação de um gênero discursivo específico. Logo, os elementos linguístico-textuais atuam na construção e organização de um conjunto de proposições (N4) e seqüências que culminam na execução de um plano de texto (N5), ao mesmo tempo que elementos discursivos constroem semanticamente imagens dos envolvidos em uma conjuntura comunicacional (N6), extrapolando, assim, os limites da textualidade, transformando-o em uma prática discursiva através de outras vozes despertadas (N7) que o orienta argumentativamente (N8). Em nosso trabalho, por questões metodológicas, focalizamos exclusivamente o nível 6 (N6).

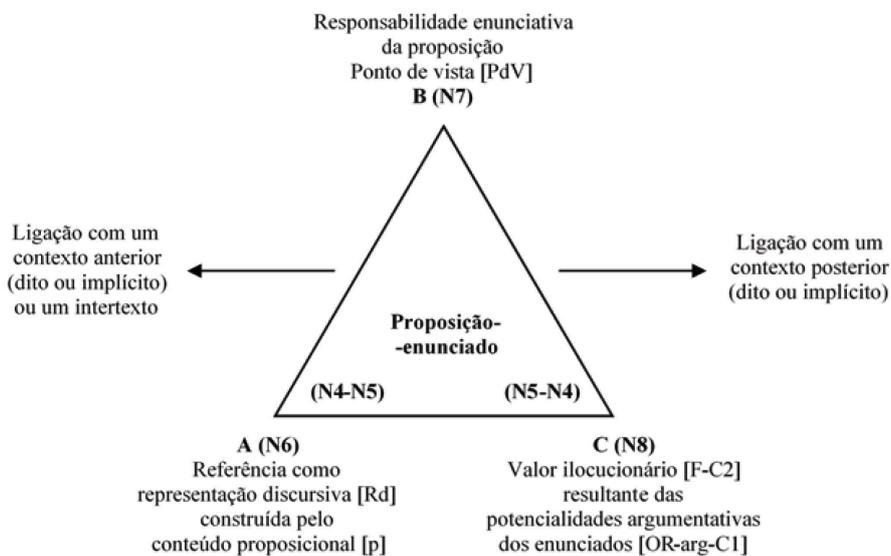
A seguir, tratamos do N6 do esquema de Adam (2011), referente à noção de representação discursiva.

### 3.2 NÍVEL SEMÂNTICO DO TEXTO: A NOÇÃO DE REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

Tendo em vista que a ATD estuda o que seria o produto da enunciação, Adam (2011) reflete sobre o que determinaria essa unidade enunciativa e chega à conclusão de que a frase não tem as condições necessárias para ser mantida como unidade mínima de análise textual, em virtude de sua instabilidade sintática. A frase, para Adam (2011, p. 104), é apenas uma estrutura sintática do tipo gráfica, “[...] cujos limites são assinalados por uma maiúscula e um ponto [...]”. Dessa maneira, o sentido que carrega o conceito de frase se entrelaça, sobretudo, à sua forma e não ao seu conteúdo, o que, para ATD, é um campo limitado. Portanto, ele defende que a unidade mínima de análise de texto, produto de um ato enunciativo, é o que denominamos de proposição-enunciado.

Segundo o autor, uma proposição-enunciado carrega tanto uma estrutura sintática quanto uma unidade de sentido, o que se é esperado do produto da enunciação. A proposição-enunciado contém uma forma que a delimita, sem necessariamente estar presa a aspectos gráficos condicionantes, como a frase, e essa estrutura pressupõe a ligação entre um sintagma nominal a um sintagma verbal, o que gera, conseqüentemente, um sentido próprio e legítimo de ser designado como resultado da enunciação. A isso chamamos de ato de referência, pelo qual temos um objeto de mundo sendo referenciado e construído discursivamente.

Toda proposição-enunciado está corporificada no seio de três dimensões colaborativas e originárias: (i) a dimensão enunciativa, (ii) a dimensão referencial e (iii) a dimensão argumentativa. Adam (2011), objetivando o entendimento dessa condição de ligação, nos apresenta um esquema, examinemos:



**Figura 3:** As dimensões da proposição-enunciado

**Fonte:** Adam (2011, p. 111)

Tomemos como ponto de partida para descrição e compreensão do esquema acima o seu centro, onde se localiza a proposição-enunciado, a qual encontra-se conectada aos cotextos anteriores e posteriores a si, ditos ou implícitos, que entendemos como as proposições-enunciado que antecedem e procedem a sua posição no texto, sendo intertextualizadas ou evocadas pela proposição-enunciado referente.

Em cada vértice do triângulo, Adam (2011) atribui uma dimensão da proposição-enunciado: o lado [A] representa o ato referencial realizado por intermédio da representação discursiva (Rd) do conteúdo proposicional; no ponto [B] está localizada a dimensão da Responsabilidade enunciativa (RE) e/ou Ponto de vista (PdV) (N7), associada à construção de uma Rd a partir de vozes evocadas ou PdV evidentes; e no canto [C] temos o valor ilocucionário (C2) apreendido na orientação argumentativa (OR-arg) (N8) dos PdV

assumidos ou não, nos enunciados organicamente polifônicos. Percebemos que é incontestável o diálogo estabelecido entre os esquemas 2 e 5 de Adam (2011), onde se vê: o vértice A = N6, os lados B e C = N7 e N8, respectivamente, e os níveis 4 e 5, como as partes elementares da proposição-enunciado, se encontram posicionados na base do triângulo.

A propósito disso, Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 174) asseguram: “Toda proposição, na condição de “microuniverso semântico”, constitui uma representação discursiva mínima. A dimensão referencial da proposição apresenta uma certa “imagem” do(s) referente(s) discursivo(s), posto que cada expressão utilizada categoriza ou perspectiva o referente de uma certa maneira”.

Adam (2011) atesta que a Rd é um objeto do discurso comunicável, construído e reconstruído em atos referenciais: inicialmente, por um sujeito na condição de locutor, que convida um segundo a reinterpretar o microuniverso semântico revelado em seu dizer. Dessa maneira, produzir um texto é saber que o produzimos para algo ou alguém; a sua realização acontece quando os sentidos que o constitui são compreendidos dentro de uma situação ideal de comunicação.

A semântica que emerge com a sua efetivação sugere, no mínimo, a presença de três fatores indispensáveis: um locutor ou enunciatador, um alocutário ou coenunciador e um tema ou assunto. O locutor é o enunciatador do discurso, agindo sobre aquele com quem dialoga (o alocutário/coenunciador), e o tema/assunto é o conteúdo tratado na comunicação. Ninguém que está envolvido em uma situação dialógica concreta apresenta postura passiva, em algum momento haverá mudança de papéis: o locutor se tornará alocutário e o alocutário passará a ser locutor, e assim por diante.

Afirmamos que falar sobre texto é prever a existência desses três componentes pois sabemos que “[...] a sua produção se dá em um contexto real de uso da linguagem, no processo de troca, compreensão, interpretação e de compartilhamento de uma ação linguageira” (QUEIROZ, 2013, p. 49). É nessa premissa que Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), a partir de Adam (2011), trazem à noção de Rd, ratificando que “[...] todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciatador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos tratados” (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 173).

Adam (2011), para a construção teórica do postulado da Rd como nível analítico do texto, se inspira no modelo da Lógica Natural (LN) do pesquisador Jean-Blaise Grize. Um dos preceitos chave da LN é o princípio de esquematização, atividade discursiva praticada pelos agentes da comunicação, em virtude da ação que desejam exercer sobre o outro. Logo, como efeito da esquematização, temos o que se revela ser esquemas ou conjunto de imagens.

Proclamamos que a essência contida no desenvolvimento da Rd em um texto é a construção e reconstrução de imagens que caracterizam os fatores de uma interlocução. No seguimento da enunciação, o locutor, situado historicamente, desenha uma representação de si mesmo, do outro com quem enuncia e das temáticas que permeiam o diálogo, a partir de sua própria visão de mundo, consequência de seus valores, crenças e ideologias.

A concepção de uma Rd, dessa forma, não é vazia de sentido, o locutor “[...] projeta na natureza enunciativa elementos de referência à sua posição no mundo; ao seu ponto de vista; ao conteúdo que se propõe a transmitir; aos seus interesses [...]” (LOPES, 2017, p. 49). Assim, as Rd, evidenciadas por um sujeito em seu discurso, demonstram marcas de si, impregnadas em suas escolhas linguísticas. Por isso que, de acordo com Lopes (2017), é preciso diferenciar o “sujeito no mundo” que representa e é representado nos discursos, posto que as Rd revelam a projeção “[...] de aspectos mais salientes que pretendemos destacar em detrimento de outros que queremos ocultar.” (LOPES, 2017, p. 53).

Para se analisar a Rd que aflui de atos de referência operados no discurso e pelo discurso, é preciso irmos de encontro as operações macrotextuais defendidas por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) e Queiroz (2013), já que Adam (2011) não delimita procedimentos metodológicos pertinentes à realização dessa tarefa. Esses teóricos tomam emprestado as categorias que Adam (2011) desenvolve para analisar o período descritivo, posto que, de acordo com Queiroz (2013, p. 56), são “[...] operações [que] podem ser utilizadas para a análise de qualquer tipo de sequência.”, e, outrossim, os operadores lógico-discursivos de Grize, e os reapplicam nos estudos sobre a Rd.

Na seção 4 desenvolvida adiante, trazemos as análises quanto às Rd do tema “juventude”.

#### 4 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO TEMA “JUVENTUDE” EM ANÁLISE

Na Eaps-CV, o sentido atribuído ao referente “juventude” demonstra uma variante conceitual trespassada por definições reconhecidas globalmente, como período em que passa a progressão da vida humana e conjunto de pessoas jovens que, conforme o Sínodo de 2018, possuem entre 16-29 anos. Além disso, verificamos que juventude também é reconhecida enquanto materialização de características viscerais de um Deus Cristão, presentes em profetas bíblicos, e juventude como ponte que dá acesso a uma reforma institucional pretendida por Francisco.

Pensando no poder intervencionista da Igreja, seja pragmaticamente ou ideologicamente, é lícito indagarmos: o que explica o fato de a juventude, dentre tantas outras questões sociais de maior impacto, como, por exemplo, os embates armados no Oriente Médio que, por consequência, tragam a vida de milhares de pessoas ou forcem multidões a se lançarem ao mar, na esperança de conseguirem abrigo em um local seguro, ascender ao posto de temática indispensável a essa organização religiosa? Não exclusivamente, as razões que a transpuseram para a centralidade dos debates realizados pela Igreja, notadamente no Sínodo de 2018, são indiretamente expostas por Francisco na Eaps-CV.

No parágrafo 40, há uma preocupação de atestar que muitos jovens têm se afastado da Igreja por julgarem que ela não agrega significância às suas vidas. Essa atitude não é infundada, de acordo com o Papa, ela se justifica pelos “[...] escândalos sexuais e econômicos [cometidos pela Igreja]; a falta de preparação dos ministros ordenados, [...]; pouco cuidado [...] na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens [...]; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual.” (CV, n. 40). Em outra ocasião, Francisco afirma que os jovens herdarão o porvir (CV, n. 174). Logo, se são eles o futuro da sociedade, é fácil intuirmos que uma organização conservada inflexivelmente e que não granjeia métodos receptivos dos modos de vivência dessa nova geração, possivelmente, estará fadada ao fracasso.

Essa Rd é construída no encadeamento discursivo de referentes com suas predicções e seus modificadores, ilustrada no Excerto 1.

##### EXCERTO 1

**“Uma Igreja na defensiva, que perde a humildade, que deixa de escutar, que não permite ser questionada, perde a juventude e transforma-se num museu.” (CV, n. 41)**

Destaca-se, nesse recorte, a indissociabilidade entre os referentes “Igreja”, “juventude” e “museu” para a construção semântica da discursividade desse enunciado. O ato enunciativo aqui prestado denota a certeza de uma Igreja que pode privar-se de sua juventude e tornar-se um museu, se se manter arrogante e inflexível. Entendemos por juventude, nesse sentido, a capacidade de se mostrar humilde e de acolher opiniões divergentes.

A contiguidade textual que dá sentido à representação em tela se desdobra em um processo de ação e reação: o feito realizado pelos referentes “Igreja” e “defensiva”, enfatiza um sujeito apreensivo, causando reações demonstradas pelo verbo da predicação “perde”. Primeiro, pela categoria da referenciação, constatamos que os referentes “humildade” e “juventude” modificam o referente “Igreja”, conferindo-lhes qualidades faltosas em sua postura. Segundo, as locuções verbais “deixar de escutar” e “permite ser”, essa última, colocada posteriormente ao adverbio de negação “não” e previamente ao modificador “questionada”, também são outras consequências reveladas de sua conduta. Desse modo, por estar apreensiva, a Igreja perde sua humildade e se fecha consigo mesma, deixando de escutar os anseios da sociedade, desapossando-se, assim, de sua juventude.

O verbo da predicação “transformar” prevê o efeito desse ato de inflexão, que seria a sua transformação em um museu, conectando causa, “Uma Igreja na defensiva [...]”, e consequência, “[...] perde a juventude e transforma-se num museu.”. Muito embora museus sejam espaços frequentados e valorizados culturalmente, por reunir dados ou objetos históricos de uma sociedade, nessa situação,

o referente detém uma carga negativa de sentido. Em outras palavras, metaforicamente, a “Igreja museu” passaria a ser apenas um espaço onde se preservaria a memória dos costumes de um povo, em oposição a uma organização religiosa presente e atuante.

Dessa maneira, vemos que as constatações do Papa surgem de um mesmo núcleo: a ideia de uma Igreja retraída, frente a uma geração com senso crítico e sensibilidade aguçada. Observemos:



Figura 4: Núcleo comum às teses defendidas pelo Papa

Fonte: elaboração própria

Uma “Igreja na defensiva”, perde a sua humildade, deixa de escutar as lamentações dos seus seguidores, não permite ser questionada, perde a sua juventude e vira um museu. O esquema argumentativo presente nesse fragmento sinaliza fortemente o programa de governo do atual Papa, que almeja mudanças nas práticas evangelizadoras e dogmáticas da Igreja.

De outro modo, juventude, para ele, também é uma comunidade de gente com pouca idade, traduzida no aperfeiçoamento de qualidades intrínsecas à personagens bíblicas, tais como: a) juventude é ser sincero tal qual Gideão (CV, n. 7); b) juventude é ter a subserviência de Samuel (CV, n. 8); c) juventude é ser simples e humilde como Davi (CV, n. 9); d) juventude é ser tão audacioso quanto Salomão (CV, n. 10); e e) juventude é generosidade, a exemplo de Rute (CV, n. 10).

Verifiquemos como cada representação se mostra identificável por intermédio dos excertos 02 (A), 03 (B), 04 (C), 05 (D) e 06 (E) à frente.

#### EXCERTO 2 (A)

“Em Gedeão, reconhecemos a **sinceridade** dos **jovens**, que **não costumam dulcificar** a realidade. Quando lhe foi dito que o Senhor estava com ele, retorquiu: ‘Se o Senhor está conosco, então porque é que nos aconteceu tudo isto?’ (Jz. 6, 13). Mas Deus não se aborreceu com esta censura e redobrou a aposta nele: ‘Vai com toda a tua força, e salva Israel’ (Jz. 6, 14).” (CV, n. 7)

Juventude, no excerto acima, é recategorizada em “jovens” e personificada na figura de Gedeão. Através da ligação referencial entre “sinceridade” e “jovens”, sendo o primeiro um modificador do segundo, juventude é perspectivada como pessoas que se comportam de modo sincero. A sinceridade dos jovens, consoante Francisco, deve-se à maneira que lidam com a realidade. O que se revela no advérbio de negação “não” que, atrelado ao predicado verbal “costumam dulcificar”, clarifica esse sentido, mostrando a constância ou a naturalidade da condição de ser jovem, parecido com Gedeão, que nega romantizar a vida ou, nesse caso, aceitar as orientações da Igreja ou de Deus sem refutá-las.

Assimilamos que Francisco relata uma juventude inquisitiva, ou seja, que questiona a fé e os ensinamentos cristãos. No entanto, o modificador (inquisitiva), que o aplicamos intuitivamente ao referente “juventude”, não se configura como determinante para o afastamento de Deus de quem assim se comporta. Muito pelo contrário, assim como Ele acreditou com Gedeão, também acreditará

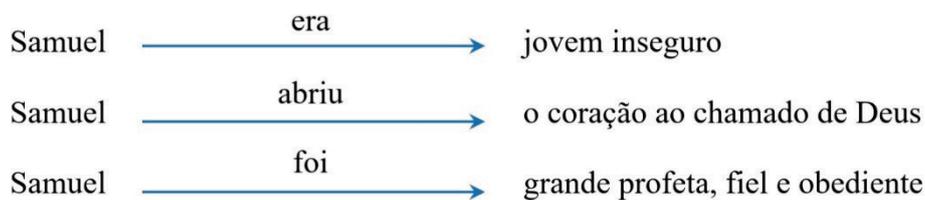
em quem desconfia de suas instruções. Dessa forma, o Papa tenta defender em toda a exortação um Deus que, acima de tudo, é amor, respeito e liberdade, independentemente da postura do sujeito (CV, n. 115-116).

Com esse argumento, ele pretende preservar a imagem de um Deus que, teoricamente, dá liberdade e voz aos seus seguidores, quando, na verdade, a posição ocupada por Ele não propicia um espaço dialógico e democrático, os fiéis da Igreja e de Deus sempre serão subservientes. E ser servil é uma característica pela qual prova-se a expressão dos poderes sacros, vejamos:

#### EXCERTO 3 (B)

“Samuel **era** um adolescente inseguro, mas o Senhor comunicava com ele. Graças ao conselho dum adulto, **abriu** o seu coração para escutar a chamada de Deus: ‘Fala, Senhor; o teu servo escuta’ (1 Sm. 3, 9-10). **Por isso, foi** um grande profeta que interveio em momentos importantes da sua pátria. (CV, n. 8)

Focalizamos, no excerto acima, os verbos das predicções “era”, “abriu” e “foi”. Ainda que as expressões verbais das predicções sejam processos conjugados no passado, percebemos uma linearidade temporal (passado, presente e futuro) oculta na concretização da representação de juventude subserviente. Samuel, nas palavras de Francisco, era um indivíduo jovem e inseguro, não obstante, sempre se manteve ligado a uma figura divina. Esse relacionamento, de certa forma, intermediado pelas instruções de um adulto, o fez agir conforme sua crença em supostos direcionamentos divinos, tornando-o, segundo a Bíblia, o primeiro profeta de Israel, exemplo de fidelidade e de obediência. Em outros moldes, temos:



O Papa tenciona convencer-nos de que Samuel era inseguro, contudo, na medida em que abre o coração e escuta conselhos de um adulto revela seu estado de servidão a Deus e, posteriormente, se torna não só um profeta, mas um reconhecido chefe político e militar da época. Essa temporalidade, que marca o período da juventude, é representada, por Francisco, como estágio preparatório para a epifania de Deus, isto é, manifestação encarnada dos mistérios sagrados.

Salientamos, outrossim, a importância do sentido desempenhado pela conjunção “por isso” para a representação de juventude subserviente. A semântica que liga os enunciados antecedentes ao “por isso”, indica os resultados de um comportamento servil que, no excerto em análise, se mostraram no cargo exitoso apossado por Samuel. Essa é uma das teses legitimadas por Francisco, que ser fiel a Deus nada traz de negativo, mas, sobretudo, conquistas e prosperidade, mesmo que surjam dificuldades em algum momento da vida.

A título de exemplificação, em um outro momento da Eaps-CV, no parágrafo 294, Francisco aconselha-nos a repensar acerca de nossos sonhos e objetivos, visto que nem sempre temos a certeza de sua legitimidade, somente Deus pode confirmá-la. Dessa maneira, renunciar ao que Francisco denomina de “desejos superficiais” (CV, n. 294) e escolher o que mais agrada ao Senhor, por intermédio do acompanhamento da Igreja, é o mais indicado e seguro, como fez Samuel.

No excerto 04 (C), por meio da conexão, entendemos que o uso da metáfora em “a glória da juventude está mais no coração”, em paralelo aos modificadores – “mais velhos” e “mais experientes” – do referente “filhos”, constrói a representação de juventude como simplicidade e humildade. Observemos:

## EXCERTO 4 (C)

“[...] O profeta Samuel andava à procura do futuro **rei de Israel**, e um homem apresentou-lhe, como candidatos, os seus **filhos mais velhos e mais experientes**. Mas o profeta disse que o escolhido era David, o rapaz que cuidava das ovelhas (cf. 1 Sm. 16, 6-13), porque ‘o homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração’ (16, 7). **A glória da juventude está mais no coração** do que na força física ou na impressão que provoca nos outros. (CV, n. 9)

Nesse excerto, Papa Francisco constrói uma narrativa em torno do referente “rei de Israel”, com carga semântica relevante à costura argumentativa do enunciado, para reafirmar a ideia de um Deus que tem a juventude como escolhida para os seus planos indecifráveis. No fragmento, ela se transfigura na pessoa de Davi, que demonstrava ter outras qualidades, em detrimento de experiência ou maturidade e, mesmo assim, foi o escolhido para reinar Israel.

O advérbio de intensidade “mais”, referente aos modificadores “velhos” e “experientes”, denotam o sentido de comparação e competitividade entre os filhos de um homem que eram oferecidos aos serviços de Deus. Entretanto, esses intensificadores de uma aparência supostamente idônea ao cargo pretendido também fortalecem traços opostos, como a humildade de Davi, um simples jovem pastor de ovelhas. Isto posto, compreendemos que Francisco vem defender a simplicidade e a humildade como aspectos valorizados por Deus.

Analisamos, anteriormente, nas palavras do Sumo Pontífice, um dos motivos que ele afirma ser a causa da inassiduidade do jovem na igreja, a saber: o papel passivo que lhes é concedido. A argumentação estratégica aqui executada conecta-se àquela explicação, na tentativa preocupada de provar que Deus não considera a imaturidade de um indivíduo ao escolhê-lo para os seus planos, mas a “glória de seu coração”, isto é, a sua humildade e simplicidade. É por isso que ele faz essa analogia, *jovens bíblicos e jovens modernos*, visando persuadir o interlocutor a acreditar que a Igreja, o fio condutor da ligação homem e divindade, recebe-o e reputa significância à sua participação assídua nas atividades institucionais.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, analisemos a Rd do excerto a seguir:

## EXCERTO 5 (D)

“Salomão, **quando teve de suceder a seu pai, sentiu-se perdido** e disse a Deus: ‘Eu não passo de um jovem inexperiente que não sabe ainda como governar’ (1 Re. 3, 7). No entanto, a **audácia** da juventude impeliu-o a pedir a Deus a sabedoria e entregou-se à sua missão. (CV, n. 10)

Dos excertos 2 ao 5, nos quais interpretamos a construção sintática e semântica das Rd inerentes às letras A, B, C e D, observamos juventude representada pelos desafios que essa etapa da vida enfrenta. No caso em tela, juventude é recategorizada no contratempo que Salomão teve de encarar em sua juventude, quando se viu forçado a assumir o trono de seu pai. Sendo assim, entendemos por juventude o tempo pelo qual o ser humano amadurece, que requer audácia para ser vivido, bem como experienciado por Salomão.

A audácia de Salomão, nesse sentido, foi pedir sabedoria a Deus. No entanto, por que pedir algo a Deus significa ser ousado?

Considerando o contexto atual descrito por Francisco na Eaps-CV, ser ousado, como ele argumenta, é “ir contracorrente” (CV, n. 17, 176 e 264). Nadar contracorrente, considerando os números paragrafícos citados, significa se rebelar contra o sistema de valores imposto pela sociedade. Desse modo, podemos dizer que, com essa figura de linguagem, subentende-se o conselho de um Papa que instiga os jovens a quebrarem os estigmas do corpo e da aparência reforçados pela mídia (CV, n. 79), a não supervalorizarem suas sexualidades (CV, n. 81) ou realizarem procedimentos de modificação do DNA ou do corpo, além de não se deixarem influenciar por incentivos sociais “[...] para explorar a si mesmos, buscando emoções fortes e reconhecimento.” (CV, n. 82). Cumpre destacar que Francisco não fala em sexualidades, no plural, ele apenas exterioriza sua apreensão no que diz respeito à sexualidade e os seus efeitos no desenvolvimento identitário individual.

No excerto adiante, temos a Rd de juventude enquanto generosidade.

EXCERTO 6 (E)

“A jovem Rute foi um exemplo de **generosidade** ao ficar na companhia da sua sogra, **que** acabara viúva e só (cf. Rt. 1, 1-18) [...]” (CV, n. 11)

A representação de juventude generosa se efetiva, sobretudo, na semanticidade gerada pelo elemento de conexão “que”, esclarecendo o porquê de a jovem Rute ser exemplo de generosidade. Ainda que não haja um laço sanguíneo com a mãe de seu marido, ao firmar o matrimônio com o filho daquela mulher, ela passa a ser sua família. Após o falecimento de seu marido e de seu sogro, ela tinha a liberdade para se desprender dessa relação parental e procurar um novo *affair* ou viver sua juventude, livre de qualquer amarra. Conquanto, optou pela preservação de suas raízes.

Essa Rd manifesta um desejo tão explorado por Francisco na Eaps-CV: a manutenção e a permanência de um vínculo entre gerações passada e presente, que ele denomina de raízes, a fim de que seja preservada a cultura de seus antepassados, em função de um futuro onde não se cometa os mesmos erros. À essa tese, ele dedicou o capítulo VI, no qual constrói uma série de argumentos que a conferem sustentação.

Nessa perspectiva, a advertência do Papa para uma não-ruptura entre gerações mostra-se nesse excerto quase que imperceptivelmente. E o referente “um exemplo” atesta a sua intenção por trás dos discursos bíblicos citados.

Papa Francisco, por ser sacerdote e chefe da religião do catolicismo, traz referências bíblicas em seu texto, do antigo ao novo testamento, para exemplificar o comportamento probo de um cristão ou da própria Igreja. Essa argumentação reforça o teor autoritário do discurso, materializado pelas citações bíblicas, que desvela a mensagem incontestável e absoluta de seu dizer, fundamentado na palavra divina. Quando Francisco demonstra que Samuel, Davi e Salomão se submeteram ao chamado divino, para quem adora o mesmo Deus, é inconcebível uma atitude contrária. A palavra sagrada não dá margem para acordos democráticos, o detentor do turno de fala, Deus, profere verdades altivas e imutáveis, intercambiadas pelos líderes ou representantes de uma religião.

No parágrafo 19, Francisco reconhece que nem todo jovem porta tais características. Seu desenvolvimento só é possível por intermédio de um relacionamento de amizade com Jesus, pois Ele é a própria juventude (CV, n.1). Vejamos:

EXCERTO 7

“Com efeito, é possível **transcorrer** a própria **juventude** distraído, **planando** à superfície da vida, **dormindo**, incapaz de cultivar relações profundas e entrar no coração da vida; deste modo, porém, prepara-se **um futuro pobre, sem substância. Ou, pelo contrário**, pode-se gastar a juventude cultivando **coisas nobres e grandes** e, assim, preparar um futuro cheio de **vida e riqueza interior.**” (CV, n. 19)

Juventude, nesse recorte, é representada como um período natural da espécie humana. A conjunção alternativa, pela relação “ou”, nos faz entender que, de acordo com Francisco, podemos viver essa etapa de preparação para a fase adulta de duas formas: superficialmente ou profundamente. A categoria da conexão nos permite interpretar que o conectivo de adversidade “pelo contrário” interliga o primeiro enunciado ao segundo, delatando a relação de oposição semântica entre as duas possíveis juventudes.

O vínculo semântico firmado entre os enunciados expressa mais do que a sintaxe indica. Uma vez que esse documento é essencialmente de cunho religioso, o contraste, sustentado por esse conector, não demonstra, equitativamente, duas realidades legítimas. Entendemos que essas realidades ou juventudes de que fala Francisco se diferenciam pelo nível de intimidade com Deus:

uma, emancipada de Cristo, está sujeita à devassidão e à libertinagem (CV, n. 12), enquanto que outra, disposta a ser orientada pela fé em uma deidade, anda por um bom caminho e terá o futuro assegurado.

À primeira juventude, desfavoravelmente retratada pela predicação “um futuro pobre, sem substância”, remetemos o verbo da predicação “transcorrer”, que se completa sintaticamente pelos verbos “planando” e “dormindo”, ambos no gerúndio, marcando a percepção de movimento ou passagem, plana e irrefletida, por um tempo que, para ele, requer a manutenção de relações e de intensidade espiritual, na expectativa de um futuro certo. Em contrapartida, a primeira é sobreposta pela segunda, imaginada como fase em que se pratica “coisas nobres e grandes”, e que, conseqüentemente, garante um “futuro cheio de vida e riqueza interior”. A nosso ver, os verbos das predicações “gastar”, “cultivando” e “preparar”, que concedem ao referente “juventude” um caráter temporal, organizam a linearidade de sentido em defesa da tese de que só é viável jovens que operam ações “nobres e grandes”, quando condicionados à união com Cristo.

Nesse percurso de construção das Rd analisadas, o tema Juventude não é entendido, tão somente, como a) sinceridade, b) subserviência, c) simplicidade e humildade, d) audácia e e) generosidade. Os sentidos que essas Rd veiculam estão situados dentro de uma Rd maior que regula o valor discursivo que efetivam, e só ganham forma quando atrelados à ideia de juventude enquanto etapa natural do processo de envelhecimento humano. Isso se explica devido à função argumentativa que elas exercem. Representar juventude, especificamente com esses referentes, é uma estratégia argumentativa para sustentar um ponto de vista acerca da real juventude que espera ser experienciada pelos cristãos.

Conjecturamos, em virtude disso, que existe uma cadeia semântica circunstancial que divide as Rd A, B, C, D e E entre aquelas que são referentes próprios de uma juventude comum (audácia e sinceridade), e aquelas desveladas de um relacionamento com Deus. Quanto mais próximo a Deus, mais propício ao aperfeiçoamento de subserviência, de simplicidade, de humildade e de generosidade, pelas quais se é provável realizar “coisas nobres e grandes” e “preparar um futuro cheio de vida e riqueza interior.” (CV, n. 19).

O teor de exclusividade e imprescindibilidade atrelado à figura de Cristo é inteligível em todo o texto: Ele, Jesus Cristo, é a própria juventude, somente Ele é capaz de dar vida, acabar com a tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos (CV, n. 2). O Excerto 08, a seguir, ratifica essa análise:

#### EXCERTO 8

**“CRISTO VIVE: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. (CV, n. 1)**

Nesse recorte, o referente “Cristo” sofre um processo de retematização que o categoriza, primeiramente, em “esperança”, através do pronome possessivo “nossa”, e, logo depois, em “juventude”, qualificada pela conexão entre o advérbio de intensidade “mais” e o modificador “bela”. Na relação predicativa entre o verbo “é” e o referente “Ele”, o papel desempenhado pela predicação do verbo de ligação “ser” intensifica a crença em um Cristo que está vivo pois, segundo a religião católica, Ele não é apenas uma recordação do passado, Ele vive e é um exemplo a ser seguido; a sua inegável existência é o que dar esperança para este mundo. Mas não só isso, Ele é a própria e verdadeira juventude, capaz de conferir renovação e vida a quem reclama.

A ideia de um Deus vivo e não uma memória é o princípio central defendido na Eaps-CV, como consta no próprio título da exortação, *Christus Vivit* (Cristo vive). Francisco tenta mostrar a vitalidade de Cristo para encorajar o jovem a ir em sua procura, pois Ele é “O caminho, a verdade e a vida” (Jo. 14: 6). E a Igreja, portanto, é o lugar onde podemos encontrá-lo. Interpretamos, por essa razão, que o apelo pela proximidade entre Igreja e juventude evidencia uma necessidade da instituição religiosa que Francisco gerencia e não uma carência do jovem moderno. Essa verdade é perceptível em vários momentos, e aqui trazemos dois excertos demonstrativos:

## EXCERTO 9

São precisamente os jovens que a **podem ajudar** a permanecer jovem, **não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, não se transformar numa seita, ser mais pobre e testemunhal, estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade.** Os jovens **podem** conferir à Igreja a beleza da juventude [...]” (CV, n. 37)

## EXCERTO 10

“Assim, **este momento sombrio**, com a **ajuda** preciosa dos jovens, pode verdadeiramente ser uma oportunidade para uma reforma de alcance histórico, para se abrir a **um novo Pentecostes** e começar um período de purificação e mudança que dê à Igreja uma renovada juventude. (CV, n. 102)

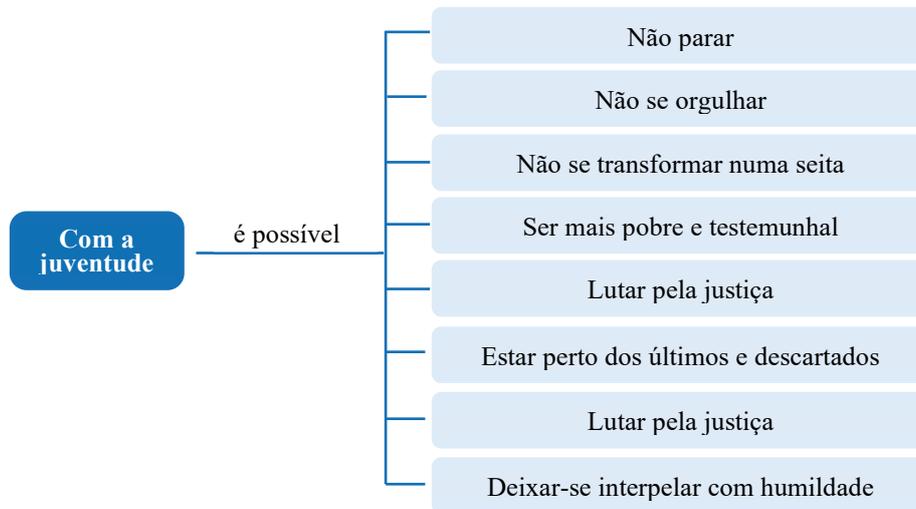
Pela locução verbal “podem ajudar”, que demarca a probabilidade de uma transformação da Igreja através da participação efetiva da juventude nas práticas religiosas, e do referente “ajuda”, nos excertos 9 e 10, respectivamente, comprovamos a real urgência de uma Igreja que precisa da juventude para se renovar. E Francisco cria um plano de ação para suprir essa instância, pensando na contemplação das exigências tanto da Igreja quanto da juventude.

Sua proposta está na mudança das pastorais, com a criação de uma Pastoral Juvenil Popular (PJP), com “estilo, tempos, ritmo e metodologia diferentes” (CV, n. 230), pela qual as juventudes poderão ser acolhidas “[...] com as suas dúvidas, traumas, problemas e a sua busca de identidade, com os seus erros, suas histórias, suas experiências do pecado e todas as suas dificuldades.” (CV, n. 234). O motor central dessa ação seria a criação de “líderes realmente ‘populares’ [...] que têm a capacidade de integrar a todos, incluindo na marcha juvenil os mais pobres, frágeis, limitados e feridos.” (CV, n. 231).

O localizador temporal “este momento”, significado pelo modificador “sombrio”, no Excerto 10, é o tempo atual em que se encontra a Igreja. Pela Eaps-CV, compreendemos que “este momento sombrio” relata sobre uma sociedade que progressivamente tem se distanciado da Igreja, pelos diversos motivos já retratados anteriormente. E a inquietação de Francisco se resume no temor de a Igreja não encontrar soluções para esse desafio, se se recusar a aceitar as mudanças sociais ocasionadas pelas tecnologias, globalização e desenvolvimento humano. Ele escreve essa exortação pois enxerga na juventude uma via para lidar com as dificuldades desse “momento sombrio”.

Isso posto, as Rd dos recortes 9 e 10 desenham a imagem de uma juventude como ponte que dá acesso à reforma e à renovação institucional pretendida.

Avaliemos as significações que emanam dessa Rd:



**Figura 5:** Sentidos que emanam da Rd renovação

Fonte: elaboração própria

No Excerto 09, o verbo da pregação “podem”, que atribui ao referente “jovens” uma capacidade interventiva, significa dizer que a sua inserção na Igreja oportunizará uma renovação, descrita por Francisco como “reforma de alcance histórico”. Sendo assim, o advérbio de negação “não” e os verbos das pregações “lutar”, “deixar”, “estar” e “interpelar-se” mostram o fruto dessa cooperação. Com a juventude, será possível à Igreja não parar, ou seja, estagnar-se no tempo; não se orgulhar; não se transformar numa seita; ser pobre e testemunhal, isto é, dar prova do apoio prestado aos mais pobres; estar perto dos discriminados socialmente; será viável a luta por justiça e permitirá ser questionada. À vista disso, na percepção de Francisco, essas práticas estão escassas na Igreja e é com a juventude que ela se abrirá “a um novo Pentecostes” (CV, n. 37).

Por fim, resumidamente, analisamos e interpretamos cada representação através das seguintes categorias:

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS	CATEGORIAS SEMÂNTICAS DE ANÁLISE
Capacidade de acolher opiniões divergentes	Referenciação, pregação e modificação
Sinceridade	Referenciação, pregação e modificação
Subserviência	Pregação, localização temporal e conexão
Simplicidade e humildade	Conexão, modificação e referenciação
Audácia	Conexão
Generosidade	Conexão e referenciação
Período natural da vida humana	Conexão, pregação e referenciação
Jesus é a verdadeira juventude	Referenciação, conexão e modificação
Ponte que dá acesso à uma reforma institucional	Pregação, localização espacial, modificação e referenciação

**Quadro 1:** Representações discursivas do tema “juventude”

Fonte: elaboração própria

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apoiados nos postulados teórico-metodológicos da ATD, analisamos um (01) texto da esfera religiosa, focalizando o nível da representação discursiva em Adam (2011). Na aplicação desse enfoque analítico, escolhemos como *corpus* a exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, pela qual Papa Francisco aborda questões relacionadas à fé e ao discernimento vocacional dos jovens modernos. Como norte desta investigação, objetivamos analisar as representações discursivas construídas pelo Papa Francisco acerca do tema “juventude”.

Inerente à perspectiva semântica do texto, marcada pelas Rd do tema “juventude”, a partir do Quadro 1, concluímos que Papa Francisco representa juventude como: (i) capacidade de acolher opiniões divergentes; (ii) sinceridade; (iii) subserviência; (iv) simplicidade e humildade; (v) audácia; (vi) generosidade; (vii) período natural da vida humana; (viii) Jesus é a verdadeira juventude; e (ix) ponte que dá acesso à uma reforma institucional.

Entendemos que a representação (vii), ao lado das representações de número (viii) e (ix) ocupa um papel relevante e de maior destaque na Eaps-CV, uma vez que a Rd (vii) funciona como uma espécie de representação de maior destaque por condicionar as representações (ii), (iii), (iv), (v), (vi) a um valor argumentativo. Os sentidos dessas Rd tomam forma quando relacionados à ideia de juventude enquanto período natural da vida humana (vii). Assim, representar juventude com esses referentes é uma estratégia argumentativa para sustentar seu ponto de vista acerca da real juventude que espera ser vivida pelos cristãos, em comunhão com Deus.

Concernente à Rd (viii), ela ganha relevância em razão da exclusividade e da imprescindibilidade atreladas à figura de Cristo: Ele, Jesus Cristo, é a própria juventude, capaz de dar vida, acabar com a tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos. E, por fim, a Rd (ix), por ser posta como a estratégia para lidar com as dificuldades que a Igreja tem enfrentado. Dessa maneira, tornando a juventude uma ponte que dá acesso a uma reforma institucional.

Sem a pretensão de querermos findar as possibilidades de investigação com esse *corpus* ou outros *corpora* relativos ao campo do discurso religioso, esperamos ter ampliado a visão crítica do leitor quanto aos discursos propagados em documentos papais ou em quaisquer outros textos de líderes religiosos. Por último, acreditamos ter contribuído com a ATD, sendo este artigo mais um trabalho investigativo sobre o discurso religioso, que aos poucos tem ganhado espaço dentro do escopo de pesquisas realizadas por entusiastas do campo teórico desenvolvido por Adam (2011).

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. “Viva o Québec livre”: análise textual de um discurso do general De Gaulle. In: ADAM, J-M; HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 95-126.
- ADAM, J-M. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J-M. *Textos, tipos e protótipos*. Trad. Mônica Magalhães *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BERNARDINO, R. A. dos S. *A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação*. 2015. 286 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

CALADO, C.; FERREIRA, C. *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2005.

FRANCISO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. Trad.: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: PAULUS, 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia do trabalho científico*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, F. L. *Representações discursivas na homilia do Papa Francisco proferida na santa missa pela evangelização dos povos*. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. (org.). *Análise textual discursiva*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2016. p. 33-68.

NEVES, J. dos S. B. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Cadernos de pesquisa em administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*.

PERGUNTAS frequentes sobre o Sínodo dos Bispos. [S. l.], 2018. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 21 fev. 2021.

QUEIROZ, M. E. de. *Representações discursivas no discurso político. “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães*. 2013. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

RODRIGUES, M. das G. S.; SILVA NETO, J. G.; PASSEGGI, L. (org.). “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, J.-M.; HEIDEMANN, U.; MAIGUENEAU, D. *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 150-195.



Recebido em 18/12/2021. Aceito em 03/01/2022.